

Artigo especial

Diálogos ampliados como base para as ações de controle do risco sanitário no estado de São Paulo: um panorama do Ciclo CVS de eventos Saúde e Meio Ambiente

Dialogues Expanded as a Basis for Health Risk Control Actions in the State of São Paulo: an Overview of The Cycle Events CVS Health and Environment

Luís Sérgio Ozório Valentim, Vital de Oliveira Ribeiro Filho, Marcel Oliveira Bataiero, Rubens José Mario Junior, Francisco Carlos de Campos, Arnaldo Mauro Elmec, Denise Piccirillo Barbosa da Veiga

Divisão Técnica de Ações sobre o Meio Ambiente. Centro de Vigilância Sanitária. Coordenadoria de Controle de Doenças. Secretaria de Estado da Saúde. São Paulo, Brasil

INTRODUÇÃO

Em 2002, o Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo (CVS) iniciou, com o debate sobre as áreas contaminadas, uma série de seminários abertos à sociedade, hoje organizados no *Ciclo de Eventos CVS Saúde e Meio Ambiente*. O Ciclo ocorre anualmente e compreende os seminários *Áreas Contaminadas e Saúde* (SAC), *Hospitais Saudáveis* (SHS) e *Água e Saúde* (SAS), que em 2018 concluíram, respectivamente, suas 17^a, 11^a e 8^a edições.

O propósito maior do ciclo é “situar no mundo” as vigilâncias sanitárias de São Paulo no que diz respeito às questões ambientais e suas interfaces com a saúde coletiva. A difusão do conhecimento é parte da coleção de referenciais técnicos necessários à gestão qualificada das instâncias estaduais e municipais do Sistema Estadual de Vigilância Sanitária (Sevisa), que abrange 28 unidades regionais e 645 municipais, envolvendo algo em torno de sete mil profissionais. Conhecer com profundidade os contextos mais amplos e as contingências locais que determinam ou influenciam os processos de saúde e de doença associados aos fatores ambientais é

condição essencial para uma atuação efetiva no controle do risco sanitário.

Os seminários servem também para fomentar o debate na sociedade paulista acerca das relações entre meio ambiente e saúde, de modo a reforçar a compreensão a respeito das razões que motivam as iniciativas para controle do risco sanitário, propagar práticas e experiências de gestão inovadoras e realçar as principais linhas de pensamento que fundamentam as políticas públicas integradas para proteção da saúde da população. Nas quase duas décadas de eventos foi construído um rico histórico de parcerias com diferentes instituições de grande competência nos temas tratados, importante acervo de conhecimentos sobre os problemas ambientais e de saúde que se manifestam no estado de São Paulo, no Brasil e – por conta dos convidados internacionais – em várias regiões do globo.

Ciente do importante repertório de práticas e de ideias – expressas na forma de exposições e debates – acumuladas nesses eventos, o CVS planeja para 2019 disponibilizar em seu site uma página específica para o Ciclo de Eventos, organizando informações sobre cada

um dos 36 seminários até agora ocorridos. A iniciativa permitirá consulta a um precioso conjunto de narrativas e pontos de vista de técnicos, pesquisadores, gestores e diferentes outros formadores de opinião, nacionais e internacionais, quanto aos diferentes temas abordados nos seminários, possibilitando aos interessados avaliar a evolução das abordagens sobre as questões sanitárias e ambientais nos últimos 15 anos.

Este texto apresenta um panorama do *Ciclo de Eventos CVS Saúde e Meio Ambiente* e uma descrição sobre sua importância no contexto das práticas de vigilância sanitária no Estado de São Paulo.

A difusão de informação e o debate ampliado como subsídio às práticas de controle do risco sanitário

As diretrizes constitucionais de descentralização hierarquizada das ações e serviços no Sistema Único de Saúde (SUS) situam os municípios paulistas como protagonistas das iniciativas para controle do risco sanitário contempladas no Sistema Estadual de Vigilância Sanitária (Sevisa).

Para tanto, cabe à esfera estadual de governo desenvolver iniciativas de caráter estratégico, por intermédio do órgão central (CVS) e suas 28 regionais (Grupos de Vigilância Sanitária – GVS), para fomentar qualidade e efetividade no amplo conjunto de ações de vigilância sanitária desenvolvidas no território paulista, que envolvem fatores de risco relacionados aos produtos e serviços, saúde do trabalhador e meio ambiente.

No caso dos fatores ambientais de risco à saúde – em especial os relacionados ao saneamento básico, às fontes de poluição e

contaminação, à salubridade do meio e das edificações e à organização territorial –, o desafio é dotar os integrantes do Sevisa de repertório e instrumentos à altura da complexidade dos aspectos envolvidos na configuração do risco sanitário em São Paulo.

A avaliação e gerenciamento do risco à saúde num estado multifacetado como São Paulo – extremamente urbanizado e industrializado – exigem municípios devidamente qualificados, entendidos como aqueles que dispõem de um conjunto de referenciais comuns e atributos específicos que os tornam aptos a exercer com qualidade e efetividade os trabalhos de controle do risco sanitário que lhes competem por atribuição legal.

Os referenciais comuns ao Sevisa são os que fundamentam, norteiam ou determinam o modo de proceder, de agir em sintonia, das esferas de governo no controle do risco sanitário, orientando-as para a boa gestão e qualificando-as para a ação. Eles padronizam procedimentos e permitem equilíbrio e simetria dos atos de vigilância.

Os referenciais comuns ao Sistema são essenciais para o exercício harmonioso da vigilância do risco sanitário no estado, ainda que o lastro para a boa execução das atividades no nível local dependa dos atributos de cada serviço municipal, ou seja, dos recursos humanos e materiais que qualificam o município para a ação, tais como profissionais técnicos e administrativos, bem como imóveis, veículos, equipamentos, insumos etc. O estado de São Paulo abriga 645 municípios com perfis bastante distintos, logo, com atributos bem singulares.

Na vigilância descentralizada e hierarquizada dos fatores ambientais de

risco à saúde no território paulista, o Estado tem, portanto, atribuições e competências de dotar as instâncias municipais de referenciais comuns para a prática de vigilância, ainda que a atuação se dê a partir de atores dotados de atributos muito diferenciados.

O Plano Estadual de Saúde (PES 2016/2019), em seu *Eixo III – Vigilância em Saúde*, segue esta linha de raciocínio ao tratar do *aprimoramento das ações de vigilância de fatores ambientais de risco e agravos à saúde* (Diretriz III.5). Nessa diretriz específica, própria aos fatores ambientais de risco, o CVS propôs incorporar tal conceito ao Plano, de modo a balizar em sete referências técnicas as metas quadrienais do Estado. Deste modo, consta na Diretriz III.5 do PES 2016/2019 a seguinte definição:

Referências técnicas: são aqui compreendidas como as bases comuns que fundamentam, norteiam ou determinam os modos de proceder, de agir das esferas de governo no controle do risco sanitário. No caso específico do gerenciamento dos fatores ambientais de risco à saúde, as referências técnicas contempladas no Plano Estadual de Saúde - PES são: (1) Sistemas de informação, (2) Roteiros de inspeção, (3) Normas técnicas, (4) Divulgações do conhecimento, (5) Capacitações, (6) Avaliações/monitoramentos e (7) Protocolos (padronização de fluxos e condutas).

O destaque dado neste texto é para a referência técnica 4 – *Divulgação do conhecimento*, que diz respeito às atividades

do CVS para, dentre outros, estimular no âmbito do Sevisa a troca de experiências em gestão pública, divulgar inovações tecnológicas e novos conhecimentos teóricos, fomentar o debate e a comunicação entre o serviço e a academia, avaliar a efetividade das políticas públicas e conferir transparência às iniciativas de vigilância.

Os seminários do ciclo de eventos anuais sobre meio ambiente e saúde do CVS

O ciclo de seminários que o CVS realiza todo ano com diversos parceiros tem por temas as áreas contaminadas, a sustentabilidade nos serviços de assistência à saúde e a água potável, aquela destinada ao consumo humano. O mais tradicional deles é o *Seminário Áreas Contaminadas (SAC)*, cujo primeiro evento ocorreu em 2002 e já completou 17 edições, fruto da parceria do CVS com as faculdades de Saúde Pública e de Medicina da USP, contemplando, a cada edição, outras instituições na sua organização.

O início dos SAC coincidiu com a divulgação em 2002 do primeiro Cadastro de Áreas Contaminadas elaborado pela Companhia Ambiental Paulista (Cetesb), então com 255 registros. Atualmente, estão contabilizadas quase seis mil áreas contaminadas no estado de São Paulo, resultado de históricos processos produtivos desprovidos do mínimo cuidado ambiental.

Mas foram nos anos que precederam o cadastro, especialmente 2000 e 2001, que o SUS paulista se deparou com casos hoje emblemáticos de contaminação – Shell Paulínia e Vila Carioca, Ajax em Bauru e Condomínio Barão de Mauá, dentre outros –, requerendo da Vigilância Sanitária

a apropriação de conhecimentos e a reorganização das demandas para atender o apelo da sociedade de avaliar e gerenciar os riscos à saúde humana nesses locais.

Essa nova abordagem e enfrentamento de fatores de risco no território paulista se deu num contexto então ainda pouco explorado no campo da saúde coletiva, demandando agregar novos conhecimentos aos serviços para enfrentar tais desafios, cujo grau de complexidade e incertezas superava as práticas já consolidadas do setor saúde no que diz respeito às questões ambientais.

Foi quando o CVS instituiu o *Projeto Áreas Contaminadas*¹ para orientar e instrumentalizar as equipes estaduais e municipais do Sevisa de modo a responder com alguma eficácia os anseios da sociedade. O projeto se estruturou a partir das articulações do CVS com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS/OMS) que ofereceu apoio técnico e logístico ao estado, em especial para que este se apropriasse de metodologias de avaliação e gerenciamento de riscos e capacitasse os serviços de vigilância para agir em novo campo temático.

Emerge da cooperação entre o CVS/SES-SP e a OPAS/OMS uma relação mais estreita com a universidade, acentuando a avaliação e adotando métodos mais consistentes para

gerenciar o risco sanitário. Em 2002, foram realizados em São Paulo dois cursos, um coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), outro pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).² A conclusão desses dois cursos, ao fim de 2002, resultou no 1º Seminário Estadual Áreas Contaminadas, que teve por tema *as políticas, estratégias e metodologias para enfrentamento dos riscos à saúde decorrentes da exposição a substâncias perigosas*.

Daí se seguiram os demais eventos, contemplando a cada ano uma abordagem específica das áreas contaminadas e seus reflexos em termos de riscos à saúde,³ agregando um conjunto extremamente representativo de profissionais, especialistas e gestores que abordam sob variados pontos de vista a questão dos passivos ambientais.

O **Seminário Hospitais Saudáveis (SHS)** é outro evento realizado pelo CVS desde 2008, em parceria com a associação sem fins econômicos *Projeto Hospitais Saudáveis* (PHS) e outras instituições de notória inserção em temas vinculados à saúde e à sustentabilidade, como a organização internacional *Saúde Sem Dano, Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina – SPDM, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e o Hospital Sírio Libanês*.

1. A respeito das estratégias para a vigilância das áreas contaminadas no Estado de São Paulo, ver o Comunicado CVS 204/2009 e o artigo de Valentim, Luís Sérgio Ozório. Dez anos de gestão integrada de áreas contaminadas no Estado de São Paulo, in: Boletim Epidemiológico Paulista, São Paulo, volume 8, número 94, outubro de 2011.

2. O Curso 01, Avaliação e gerenciamento de riscos: elementos para os processo decisórios em saúde e ambiente, foi coordenado pela Fiocruz, totalizando 80 horas/aula, tendo por referência a metodologia da Environmental Protection Agency (EPA); o Curso 02, Avaliação de riscos à saúde pela exposição a resíduos perigosos, coordenado pela UFRJ, com 56 horas/aula, teve por base a metodologia da Agency for Toxic Substances and Disease Registry (ATSDR).

3. As experiências municipais (2º seminário); o papel da universidade (3º); as relações da contaminação do solo com os recursos hídricos (4º); as questões relativas à produção, trabalho e saúde (5º); as interações entre desenvolvimento urbano, passivos ambientais e saúde (6º); a avaliação de saúde no contexto do gerenciamento de passivos e no licenciamento ambiental (7º); as interações saúde e ambiente no contexto da nova legislação paulista de proteção da qualidade do solo e gerenciamento de áreas contaminadas (8º); os novos cenários de produção e consumo de substâncias perigosas à saúde e geradoras de passivos ambientais (9º); os históricos processos de produção e de regulação sanitária de riscos (10º); os riscos sanitários decorrentes de atividades de estocagem e comércio de derivados de petróleo e outros combustíveis (11º); as questões relativas à contaminação e comunicação de risco (12º); os contextos hidrológicos críticos e o incremento da exploração dos aquíferos (13º); Direito à saúde, contaminação e justiça (14º); Panoramas e perspectivas (15º), Cidades (in) sustentáveis (16º) e Gestão de áreas contaminadas e riscos à saúde da população.

O SHS é um evento dirigido à divulgação e debate de temas relacionados à saúde, segurança e meio ambiente nos estabelecimentos de saúde. O seminário é anual, com duração de dois dias, e conta, a cada edição, com a presença de um público de mais de 500 profissionais de saúde e outras áreas relacionadas, envolvendo, além de técnicos e gestores de vigilância, pessoas atuantes na assistência à saúde e técnicos e gestores de serviços públicos e privados. Também participam profissionais de saúde e segurança do trabalho, controle de infecção hospitalar, gestão ambiental e consultoria, arquitetura e engenharia hospitalar, farmacêuticos, dentistas, biólogos, fornecedores de serviços hospitalares, como higiene e tratamento de RSS, além de professores e pesquisadores de diversas áreas.

No SHS ocorre também a entrega dos prêmios *Amigo do Meio Ambiente*, direcionado aos hospitais e outros serviços de saúde que se destacaram no estado ou no país na adoção de medidas inovadoras e criativas para a sustentabilidade ambiental, bem como o *Fórum de Resíduos de Serviços de Saúde*, espaço aberto de discussão a respeito das políticas para gestão dos resíduos de serviço de saúde. O evento é uma ótima oportunidade para se discutir temas como o gerenciamento de resíduos, acidentes com perfurocortantes, exposição a substâncias e resíduos químicos perigosos, políticas de banimento do uso

de mercúrio e outros produtos, mudanças climáticas, compras verdes, uso racional da água e de fontes alternativas de energia e edifícios sustentáveis.

As 11 edições do SHS⁴ contemplaram múltiplas abordagens sobre a sustentabilidade nos serviços de saúde, aliando experiências nacionais e conhecimentos internacionais que colaboraram para aprimorar a vigilância e a gestão assistencial, tornando-a mais racional, segura e ambientalmente adequada nas instituições públicas e privadas de saúde em São Paulo e no país.

O **Seminário Água e Saúde (SAS)** é um evento também de dois dias realizado desde 2011 pelo CVS e Faculdade de Saúde Pública da USP, abrangendo um vasto conjunto de instituições parceiras. Nesse período, o seminário tem se consolidado como fórum de excelência em São Paulo para divulgar e promover o debate dos avanços e desafios relacionados à água que a sociedade produz e consome. A partir de 2014, o evento tem sido promovido em cooperação com o Serviço Social do Comércio (SESC), cujas instalações têm abrigado os seminários, tornando possível que eles aconteçam de forma itinerante, em cidades como São Carlos, Jundiaí e Santos, além da capital paulista.

As oito edições anuais do SAS⁵ evidenciam a tendência de se abordar o tema da água para consumo humano de um modo cada vez mais abrangente, abarcando todo o processo de

4. Responsabilidade socioambiental e experiências sustentáveis no setor saúde (SHS 2008); O papel do setor saúde frente os desafios ambientais globais (2009); O trabalhador na promoção da segurança e da sustentabilidade do setor saúde (2010); A gestão ambiental nos estabelecimentos de assistência à saúde (2011); o lançamento no Brasil da Rede Global Hospitais Verdes e Saudáveis (2012); Cooperação entre organizações de saúde: unindo forças pela sustentabilidade (2013); Conhecimento e Inovação: Bases para uma assistência à saúde sustentável (2014); O desafio do setor saúde frente às mudanças climáticas (2015); Resíduos de serviços de saúde 30 anos: os novos desafios do setor saúde (2016); Fortalecendo os cuidados de saúde na América Latina: por uma liderança ambientalmente sustentável e saudável (2017); e Compras sustentáveis: consumo consciente e eficiente na saúde (2018).

5. O olhar do setor saúde para a preservação dos mananciais e para a garantia da potabilidade da água consumida pela população (2011); Novos e antigos desafios à Saúde Pública (2012); Eventos de massa e qualidade da água para consumo humano (2013); Crise hídrica e segurança da água (2014); Saúde bucal e fluoretação: um construir coletivo (2015); Segurança hídrica e proteção da saúde (2016); Água de beber (2017); e Segurança e potabilidade da água em tempos de incertezas climáticas (2018).

produção e de consumo do produto. Deste modo, ganham relevo aspectos como o uso e a ocupação do solo, a proteção dos mananciais, tecnologias para tratamento da água, condições de conservação das estruturas de preservação e distribuição, referências laboratoriais e os parâmetros e padrões para monitoramento da água, doenças de veiculação hídrica e as condições de acesso à água segura.

O SAS tem sido sensível na sua abordagem temática aos contextos e problemas conjunturais enfrentados pela sociedade, como foi o caso dos eventos de massa – Copa do Mundo de Futebol, Olimpíadas etc. – cujos desafios em termos de garantia da potabilidade da água para públicos ampliados foram antecipados no 3º seminário, ocorrido em 2014. No caso da estiagem, crise hídrica e da consequente ameaça ao abastecimento público na Região Metropolitana de São Paulo e em outras áreas da Macrometrópole Paulista – agrupamento de municípios e conurbações urbanas que concentram quase 30 milhões de pessoas –, o 4º SAS (2014), ocorrido nas instalações do SESC do município de São Carlos, trouxe especialistas para debater o assunto, com destaque para o painel que reuniu gestores de São Paulo, Alagoas e do estado americano da Califórnia, cujas abordagens colocaram em perspectiva dramas sociais, ambientais e sanitários distintos e repertórios também diversos de enfrentamento dos problemas de abastecimento público em tempos de estiagem.

Além disto, o tema da segurança da água e da crise hídrica em contextos de incertezas climáticas foi contemplado em 2016 e 2018, com depoimentos de profissionais dos estados

de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia, assim como com testemunhos de pesquisadores da África do Sul e do México, reforçando o entendimento de que proteger a saúde da população a partir da água que lhe é ofertada implica arranjos institucionais bem estruturados e troca de experiências em nível nacional e internacional.

O SAS, ao estabelecer parceria com o SESC, busca sinergias interinstitucionais e uma interlocução maior com o público em geral, aproveitando oportunidades para interagir com outras iniciativas corporativas inovadoras, como a mostra de arte internacional no SESC-Belenzinho, em 2017, quando do 7º Seminário, que expôs o projeto artístico de *ART for The World*, exposição que tratou da água e de sua importância para seres humanos, para a fauna e para a flora, com obras de 23 artistas sobre questões de meio ambiente, biodiversidade, ecossistemas, mudança do clima e preservação da água como recurso vital.

Do mesmo modo, outras intervenções lúdicas e criativas⁶ têm acentuado, por iniciativa do SESC, o diálogo entre os especialistas e o público em geral. Os SAS tem também realizado experiências com a promoção de eventos paralelos, do modo como ocorreu em 2017, no SESC Belenzinho, que abrigou um Workshop vinculado ao SAS, promovido pela Secretaria de Estado de Saneamento e Recursos Hídricos, Faculdade de Saúde Pública da USP, *United Nations-HABITAT* e a *The United Nations University (UNU-FLORES)* para debater a questão da água de reúso à luz dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

6. Projetos como o Catagotas (Cia. a Hora da História) e a Casa do Poeta (Cia. Panturrilha), em 2017 na capital Paulista; a exposição da carreta “Somos Água”, do laboratório móvel e interativo da Sabesp e do Laboratório Móvel da Cetesb, presentes no SAS de Jundiaí, em 2014, são exemplos dessa interação entre assuntos técnicos especializados e temas culturais mais amplos.



Figura 01. Montagem gráfica com cartazes de alguns dos 36 seminários do *Ciclo de Eventos CVS Saúde e Meio Ambiente*

Diálogos ampliados como base para as ações de controle do risco sanitário no estado de São Paulo: um panorama do Ciclo CVS de eventos Saúde e Meio Ambiente/Valentim LSO et al.

Os seminários como fóruns de interlocução e de sinergias

Com a intenção de situar o estado de São Paulo em posição relevante no debate acerca das relações entre saúde e ambiente e “abrir ao mundo” a visão dos serviços municipais e estaduais de vigilância, de modo a qualificar suas práticas de controle do risco sanitário, o Ciclo de Eventos CVS Saúde e Meio Ambiente tem gradativamente ampliado suas instâncias de diálogo e abrangido experiências e conhecimentos para além do território paulista.

Deste modo, os seminários arranjam parcerias que propiciam o confronto criativo de ideias e a sinergia de iniciativas, contemplado nas suas programações profissionais de notório saber de diferentes áreas da pesquisa e da gestão paulista, de outros estados e do exterior. Para isto, a universidade e os centros de pesquisa se mostram instâncias imprescindíveis na interlocução de temas cada vez mais complexos e que exigem capacidades ampliadas de investigação e bases metodológicas bem fundamentadas para orientar as práticas de avaliação e gerenciamento de risco pelos serviços de vigilância.

A colaboração na organização dos eventos de instituições ligadas à Universidade de São Paulo (USP), como as faculdades de Saúde Pública (FSP) e de Medicina (FM), os institutos de Estudos Avançados (IEA) e o de Geociências (IG), bem como outras instâncias acadêmicas, como a Escola Superior do Ministério Público do Estado de São Paulo, a Universidade de

São Paulo (Unifesp), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), são bons exemplos disto. Outras instâncias de investigação acadêmica, como o Núcleo de Pesquisa em Avaliação de Riscos Ambientais (NARA), o Laboratório Interdisciplinar de Proteção da Saúde e Vigilâncias (LIPVS), ambos vinculados à Faculdade de Saúde Pública da USP, e o Centro de Pesquisas de Água Subterrâneas (CEPAS/USP), são igualmente parceiras na organização do Ciclo. No diálogo com a academia, se sobressaem, além do mais, os convidados internacionais, que ofertam novos repertórios de saberes, assimilados ou confrontados nos seminários com os conhecimentos acumulados em São Paulo e no país.⁷ No tocante à viabilização das trocas de experiências internacionais, tem sido também importante o apoio da Assessoria Especial para Assuntos Internacionais do Governo do Estado de São Paulo.

Outra instância importante de interlocução é o judiciário, cuja presença constante nos debates ocorridos nos eventos tem permitido conhecer a visão dos que promovem, interpretam e executam as leis, referência maior para os agentes que interveem em situações de risco e protegem a saúde da população com base no poder de polícia administrativa lhes conferido pela sociedade. Neste campo de conhecimento, pode-se destacar a presença do ministro Herman Benjamin, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que abordou o conceito *in dubio pro salute* em seminário

7. Dentre outras instituições acadêmicas internacionais que participaram do ciclo, podem ser citadas o *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS/França), *Stanford University* (EUA), *United Nations University - UNU-Flores* (Alemanha), *Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco* (México), *Universidad Autónoma de San Luis de Potosí* (México) e *Council for Scientific and Industrial Research* (África do Sul), *Universidad de Sevilla* (Espanha), *Illinois University* (EUA), *University College London* (Inglaterra), Universidade de Aveiro (Portugal), *Arizona State University* (EUA), *Universidad Central Marta Abreu de Las Villas* (Cuba), *Luton & Dunstable University Hospital* (Inglaterra).

sobre as áreas contaminadas; do presidente da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA), Guilherme Guimarães Feliciano, assim também como de procuradores regionais e do trabalho da República e de membros das áreas de Meio Ambiente (GAEMA) e de Saúde Pública do Ministério Público do Estado.

No campo das políticas públicas, o Ciclo tem contado com palestrantes de diferentes esferas de governo e de níveis de gestão, tendo nele se apresentado profissionais com larga experiência na condução de políticas públicas, como Eduardo Trani, secretário de Estado do Meio Ambiente (2018), Stela Goldenstein, também secretária de Meio Ambiente na gestão 1998/99, Benedito Braga, presidente do Conselho Mundial da Água e secretário de Estado de Recursos Hídricos e Saneamento (2015/2018), Mônica Porto, secretária adjunta da Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos e Leo Heller, relator especial da ONU sobre o Direito à Água e Saneamento. Além disto, vários gestores e especialistas de órgãos internacionais voltados a assuntos com interface na saúde e meio ambiente também estiveram presentes nos seminários.⁸

Algumas outras instituições gestoras e formuladoras de políticas públicas também constam como apoiadoras ou atuaram diretamente na coordenação dos seminários, dentre elas, as secretarias de Estado de Meio Ambiente e de Saneamento e Recursos Hídricos, o Ministério da Saúde, a Fundação Nacional de Saúde (Funasa), as agências reguladoras de Saneamento e Energia (Arseps) e de Saneamento Básico das Bacias dos Rios

Piracicaba, Capivari e Jundiaí (ARES-PCJ), o Instituto Adolfo Lutz (IAL), a Companhia Ambiental Paulista (Cetesb) e o Departamento de Água e Energia Elétrica (DAEE).

Se os seminários se oferecem como oportunidade para estreitar laços e alinhar estratégias para conduzir políticas públicas integradas, vale a pena também destacar a abordagem dos temas e dos conteúdos em fóruns atuantes na avaliação e gestão conjunta de temas em saúde e meio ambiente, como se dá nos Seminários Água e Saúde, que tem em sua coordenação instituições participantes do “Comitê Permanente para Gestão Integrada da Qualidade da Água”, criado pela Resolução Conjunta SES/SMA/SSRH 01/2014 para abordar de forma associada questões relativas à produção e consumo de água potável no território paulista.

Além disto, consta também na organização do Ciclo categorias da sociedade civil organizada voltadas a assuntos de saúde, como o *Projeto Hospitais Saudáveis* (PHS) e a *Associação Paulista de Saúde Pública* (APSP); grupos associados ligados a temas ambientais e de saneamento, como a *Associação Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento* (ASSEMAE); fundações e agências, como as das bacias hidrográficas do Alto Tietê e do Piracicaba, Capivari e Jundiaí; e entidades ligadas ao lazer, cultura e às expressões artísticas, caso do já mencionado *Serviço Social do Comércio* (SESC). Nesta linha, o Ciclo tem amplo histórico da participação de palestrantes vinculados a diferentes associações, centros e organizações internacionais ligadas

8. Dentre outras, a *United State Environmental Protection Agency (EUA)*, *United Nations – UNHABITAT Human Settlements Programme*, *Common Forum on Contaminated Land in Europe*, *San Francisco Public Utilities Commission (EUA)*, *Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos – ERSAR/Lisboa (Portugal)*, *German Technical Cooperation Agency – GTZ (Alemanha)*, *Sustainable Development Unit/National Health Service (Inglaterra)*, *World Health Organization – WHO* e *Pan American Health Organization – PAHO/WHO*.

a matérias relativas à saúde coletiva, à sustentabilidade e diversos outros assuntos em interface com os seminários.⁹ No que toca aos aspectos culturais e da construção de bases mais sólidas do conhecimento, o Ciclo, além das iniciativas já descritas nos seminários da água (SAS), tem aberto espaço para o lançamento de publicações que contribuam direta ou indiretamente para aprimorar as formas de gestão em saúde e meio ambiente.¹⁰

Considerações finais

A sustentação das práticas inscritas no Sistema Único de Saúde (SUS) para promover e proteger a saúde da população exige, por parte dos sistemas de vigilância, iniciativas que transcendam as já tradicionais ações de controle do risco sanitário, muitas delas dadas de forma isolada e destituídas de repertórios teóricos acerca dos contextos globais, que

condicionam e determinam as perturbações da saúde e do ambiente, e das contingências locais, pelas quais os problemas de vigilância se manifestam com mais ênfase.

O *Ciclo de Eventos CVS Saúde e Meio Ambiente* tem, há quase duas décadas, buscado suprir esta lacuna, aproximando e conciliando os serviços municipais e estaduais de Vigilância Sanitária com as experiências práticas e teóricas desenvolvidas aqui e acolá. Deste modo, esperamos que as ações para controle do risco sanitário no território paulista se deem de maneira sólida e com efetividade, pois amparada por uma “visão do mundo” mais rica e generosa. Portanto, com o passar dos anos, o Ciclo se mostra para além da estratégia de difusão de conhecimentos, pois anuncia a troca e o conagraçamento como princípios para uma sociedade mais justa e protetora.

9. Como a organização internacional não-governamental Health Care Without Harm, Workplace Safety and Environmental Stewardship Officer) – Kaiser Permanente (EUA), Center for Climate Change and Health at the Public Health Institute (EUA), BLUE Environmental Performance (EUA) e Institute for Healthcare Improvement (EUA).

10. Alguns livros, como “Sobre a produção de bens e males nas cidades” (Annablume/Fapesp, 2013), de Luís Sérgio Ozório Valentim, e “Autoridade prática”, de Rebecca Abers e Margaret Keck (Editora Fiocruz, 2017) foram lançados nos seminários.